



Foto: Tiago Rangel Côrtes
Comemoração de paraguaios do dia da Virgem de Caacupé, Igreja Nossa Senhora da Paz, centro de São Paulo.

Paraguaios em São Paulo Uma história e um retrato

*Tiago Rangel Côrtes **

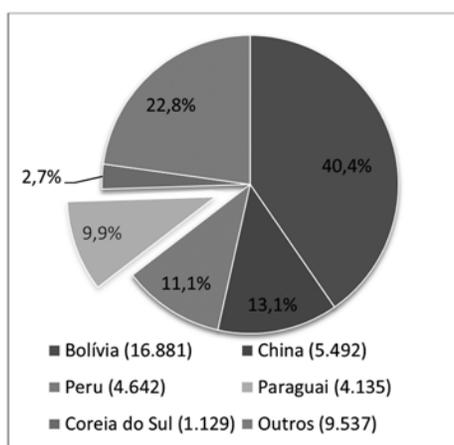
Domingo frio e chuvoso, centro de São Paulo. Em uma rua do bairro do Bom Retiro jovens se reúnem na calçada em frente a um sobrado antigo ao redor de uma churrasqueira de ferro fundido. Pele clara e os cabelos escuros. Seis homens e duas mulheres. Uma *guampa* circula de mão em mão, não sem antes ser totalmente preenchida com água gelada armazenada em uma garrafa térmica volumosa, adornada em couro com as cores vermelha, azul e branca. O guarani ou *yopará*¹ falado entre eles revela serem jovens paraguaios descansando durante seu dia de folga. Cena semelhante pode ser visualizada facilmente ao se realizar uma caminhada pelas ruas do bairro de grande diversidade cultural.

* Mestre em Sociologia pela USP e Técnico do Observatório do Trabalho/DIEESE.

Ou, nos finais de semana, basta chegar à Praça Nicolau de Moraes Barros, ou Areião (em guarani, *Ybycu'í*), também conhecida como Praça dos Paraguaiois, na esquina próxima à Rua do Bosque com a Rua dos Americanos. Juntamente com o Bom Retiro, Pari e Brás são os principais bairros no centro de São Paulo em que se concentram, além da Vila Medeiros, na Zona Norte, e da Vila Any, no município de Guarulhos.

Os paraguaiois constituem um dos principais fluxos migratórios transnacionais para o Brasil na última década, sendo que a grande maioria se concentra na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Informações divulgadas pelo Ministério da Justiça em 2011 sobre estrangeiros com residência regularizada no país apontavam 17.604 paraguaiois, destacando-os como o quarto maior grupo, atrás apenas de portugueses, bolivianos e chineses². Por ocasião da anistia para regularização da situação migratória em 2009, os paraguaiois foram a quarta nacionalidade mais beneficiada pela lei, atingindo 9,9% do total (Gráfico 1). A Missão Paz, através do Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes e da Casa do Migrante, atendeu entre janeiro de 2000 e maio de 2012 a 22.364 pessoas, das quais 15.738 eram bolivianas e 3.045 eram paraguaias, o segundo grupo populacional em termos de atendimento. Estes números se referem a apenas uma parte da migração paraguaia para São Paulo, que é bem maior do que as cifras indicam. O consulado paraguaio e as organizações *Paraguai Teete* e *Japayke*, por exemplo, apontam entre 40 e 60 mil paraguaiois na RMSP. Não há informação quantitativa precisa que indique a quantidade de paraguaiois no município, mas estas diferentes bases de informação nos permitem dizer que se trata de um dos principais grupos atualmente.

Gráfico 1 – Distribuição dos anistiados (Lei 1.664) por nacionalidade. Brasil, 2009.



Fonte: Ministério da Justiça, Polícia Federal.
Elaboração própria.

De modo geral, nos últimos anos, houve uma mudança no cenário das migrações transnacionais na cidade com o crescimento substantivo da mobilidade de pessoas no circuito Sul-Sul, sobretudo bolivianos, paraguaios e peruanos, para além de grupos vindos da África, composto, entre outros, por angolanos, nigerianos, congolenses e senegaleses, e da Ásia, neste caso, chineses e coreanos. Recentemente, haitianos também compõem este mosaico; passaram a afluir após o terremoto que devastou o país em 2010. Se nas publicações acadêmicas e noticiários jornalísticos a discussão sobre migrantes bolivianos e haitianos esteve em evidência nos últimos anos, o mesmo não se pode dizer sobre os paraguaios. Esse fluxo para São Paulo passa ainda relativamente pouco pesquisado, praticamente não há acúmulo de estudos específicos sobre o tema.

Trata-se de uma migração cujo princípio remete aos anos 1950, porém passaram a chegar em intensidade para São Paulo após meados da década passada. Os microdados do Censo de 2010 revelam que a maior parte (50,3%) dos nascidos no Paraguai residentes na RMSP se estabeleceram depois de 2005, sendo que dois a cada três paraguaios mudaram para o Brasil após os anos 2000. Apenas 15,1% teriam chegado entre 1981 e 2000, enquanto 17,9% teriam chegado ao país antes dos anos 1980 (Tabela 1). Em comum com o caso amplamente debatido de bolivianos, são migrantes que recorrentemente vêm a São Paulo para trabalhar em oficinas de costura. No entanto, a comunidade boliviana na RMSP se instalou progressivamente desde os anos 1990, enquanto a paraguaia teve forte expansão recente.

Tabela 1 - País estrangeiro de nascimento, total e respectiva distribuição percentual conforme período em que fixou residência no Brasil, para residentes na RMSP

País	Total absoluto	Período					Total
		Até 1980	De 1981 a 1990	De 1991 a 2000	De 2001 a 2005	De 2006 a 2010	
Bolívia	25.884	6,8	5,1	21,2	29,8	37,1	100,0
Paraguai	4.146	17,9	5,6	9,5	16,7	50,3	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda. Elaboração própria

O objetivo deste artigo é fazer um esboço da história da migração paraguaia para a RMSP e traçar um retrato do perfil dos migrantes que residem na cidade, de modo a realizar uma análise da heterogeneidade de paraguaios em São Paulo. Trata-se de texto de apresentação, sendo que algumas questões específicas serão tratadas em outros artigos que compõem este dossiê e espera-se despertar o interesse de pesquisadores para que realizem mais estudos sobre essa população em São Paulo. A análise se baseia nos microdados do Censo IBGE de 2010, na observação de campo e na análise de trajetórias de vida. Ao se traçar o perfil

dos migrantes a partir dos microdados de Censo de 2010, deve-se advertir que as informações quantitativas coletadas pelo IBGE apresentam limitações a serem consideradas. Segundo as estimativas do Censo, os paraguaios seriam 4.146 na RMSF. Esses resultados reconhecidamente subestimam o número de migrantes. Ressalva-se que a cada dez anos, quando o IBGE realiza a pesquisa censitária, são utilizados dois tipos de questionários: o primeiro, mais simples e curto, deve ser aplicado a todos os domicílios do país; o segundo, com informações em profundidade, é direcionado apenas para uma amostra da população residente no país. As informações que utilizaremos para traçar o perfil se referem à pesquisa amostral do Censo de 2010. Isto é, são estimativas e há uma margem de erro. Tendo em vista essa limitação, buscaremos apresentar os dados em sua distribuição percentual, e não em seus valores absolutos. De todo modo, desde que consideradas suas limitações, o Censo fornece uma das bases de dados mais confiáveis e abrangentes³.

Uma história: raízes da migração paraguaia para São Paulo

As mobilidades populacionais são constitutivas da história do Paraguai: da colonização à atualidade, da relação dos povos que ali viviam com os forâneos, diversos fluxos de pessoas formaram o que hoje compõe a população do país. Ao mesmo tempo, as guerras e a saída de seus nacionais para outros lugares marcaram definitivamente o percurso histórico do país e de sua sociedade, aspectos que foram fundamentais para a definição das fronteiras do território e para a consolidação de uma identidade paraguaia, ancorada num projeto de Estado-nação⁴.

O sociólogo paraguaio Tomás Palau (2011, p. 57), ao analisar de forma ampla os processos migratórios que tomam lugar no Paraguai, evidencia a especificidade dos fluxos migratórios imbricados no país: ao mesmo tempo em que mais de 10% da população vive em outro território, tem-se a situação em que mais de 10% das pessoas recenseadas no Paraguai nasceram em outro país. Isto é, trata-se de um contexto de forte repulsão e atração de migrantes, em que os dois fenômenos estão estritamente relacionados. Segundo o estudo de perfil migratório paraguaio da OIM (2011, p. 35), a Argentina registrava mais de 550 mil migrantes paraguaios, a Espanha teria 135.517 e o Brasil, como o terceiro destino, perfazia 40 mil migrantes (o que representaria 5,1% dos migrantes transnacionais do país). Já a principal presença de migrantes transnacionais no Paraguai, segundo dados do Censo do país de 2002⁵, seria a de brasileiros, com 81.592 pessoas, o que significa 47,1% do total da população nascida em outro país e residente no Paraguai (OIM, 2011, p. 28).

Segundo Palau (2011), retomando algumas das marcas históricas do Paraguai, antes da independência lograda em 1811 e da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), populações camponesas, sobretudo guaranis, não reconheciam os limites territoriais que definiam as fronteiras do Estado-nação que acabara de ser fundado. Era um espaço contíguo com amplo significado cultural e identitário dos povos que ali viviam e que não tinham relação com os limites que eram impostos pela colônia e, posteriormente, pelos recém-independentes Estados nacionais. Para Palau, a Guerra da Tríplice Aliança foi um marco político que criou uma clivagem no modo de organização desses fluxos, em que se forjou uma identidade nacional que tinha seus significados na construção ideológica e prática do que era o inimigo, o estrangeiro. Ao final da guerra, a população que vivia no território que constituía o Paraguai foi praticamente dizimada: reduzida de 1,3 milhões de habitantes a 300 mil, restando em sua maioria mulheres, idosos e crianças.

Ainda de acordo com Palau, após o término da guerra, entrou na pauta política a recolonização do país: seja a leste, a norte ou a sul. A ideia de colonização do interior perdurou por todo o século XX, ainda que suas estratégias e seus sentidos tenham mudado ao longo desse período. Boa parte dessas políticas esteve ancorada na gestão fundiária, operada no sentido de atrair migrantes transnacionais camponeses. Inicialmente, buscava-se aproximar principalmente europeus para produzirem e ocuparem os vazios populacionais criados pela guerra. De modo geral, essas iniciativas tinham a ver com mecanismos de distribuição das terras agricultáveis do país e a facilitação do acesso do estrangeiro à regularização, oferecendo uma série de vantagens. Em termos práticos, essas medidas não alcançaram os resultados esperados, sendo que a colonização dos vazios populacionais do país demorou, levando mais de 70 anos para que a população paraguaia restituísse o número de antes da guerra, o que ocorreu em meados dos anos 1950.

Os fatores que consolidaram os destinos e os perfis dos migrantes paraguaios presentes em São Paulo atualmente, são marcados fortemente por aspectos engendrados a partir dos anos 1950, com a ascensão de Alfredo Stroessner ao poder (1954-1989). De modo geral, são três os aspectos centrais: 1 – a perseguição massiva dos opositores do governo; 2 – a aproximação entre os governos brasileiros e paraguaios, que levou ao intercâmbio de pessoas com apoio estatal; 3 – a reestruturação fundiária do país, com a conseqüente expulsão de colonos de suas terras. Esses fatores impactaram na constituição de perfis diferentes de migrantes que saíram do país em momentos distintos para se estabelecerem em São Paulo.

Nos anos 1950, após o golpe militar liderado por Alfredo Stroessner, houve uma mudança geral da política do país. Segundo Alfredo da Mota Menezes (1987), se até aquele momento a economia paraguaia era basicamente dependente da Argentina, Stroessner buscou reorientar sua política externa,

aproximando-se do Brasil. Esse deslocamento traduziu-se numa mudança do vetor da dependência paraguaia. A porta de entrada do país para o mundo era a Argentina, que controlava a saída ao mar da Bacia do Prata. Stroessner, então, aportou uma série de políticas que tinham como direção estreitar as relações com o leste de Assunção e não apenas com o sul. Buscava proporcionar ao Paraguai, como ele dizia, a possibilidade de respirar com dois pulmões e não apenas um, sendo que as relações com o Brasil consolidariam essa oportunidade. Em parceria com o governo brasileiro, construiu-se a estrada que liga Assunção à Foz do Iguazu, sendo que o Brasil financiaria a obra até a cidade de Coronel Oviedo, na metade do caminho de Foz do Iguazu à Assunção, além da construção da Ponte da Amizade, inaugurada em 1965, e totalmente financiada pelo governo militar brasileiro.

Ao mesmo tempo em que o Paraguai avaliava o Brasil como parceiro estratégico e estimulava as trocas comerciais e culturais, o mesmo fizeram sucessivos governos brasileiros, tanto civis, antes do golpe de 1964 e, ainda mais os militares, após o golpe de 1º de abril que depôs João Goulart. Os portos de Santos e Paranaguá foram disponibilizados ao Paraguai para escoar sua produção, o que diminuía a dependência da Bacia do Prata. Também no movimento de aproximação dos países foram firmados os acordos que estabeleciam a criação da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu. Essas medidas marcaram o estreitamento das relações entre Brasil e Paraguai, e o conseqüente aumento da dependência do país guarani. Em contrapartida aos investimentos brasileiros, o Brasil conquistava mais um mercado para seus produtos e, além disso, conseguiria expandir a fronteira agrícola. O Paraguai facilitou o acesso de brasileiros às suas melhores terras agricultáveis, muitas delas contíguas à fronteira do Mato Grosso do Sul e do Paraná. Em conjunto, essas medidas tiveram o efeito de colonização do leste realizada, sobretudo, por brasileiros.

Segundo Menezes, a ida dos primeiros brasileiros para o Paraguai começou na década de 1950, mas foi nos anos 1970 que se intensificou, após a assinatura do Tratado de Itaipu, de 1973. Os principais argumentos de Menezes para explicar o elevado fluxo de brasileiros que rumaram ao Paraguai são: 1 – a qualidade da terra paraguaia para a agricultura – terra vermelha como do norte paranaense e oeste de São Paulo; 2 – a forte pressão dos latifúndios no Brasil sobre as pequenas propriedades, sobretudo no Paraná; 3 – o uso de tecnologias no campo tinha liberado força de trabalho camponesa para migração; 4 – as facilidades oferecidas pelas Companhias Colonizadoras⁶; 5 – o preço da terra no Paraguai; 6 – a ausência de leis paraguaias que limitasse a entrada dos migrantes e a venda de terras aos brasileiros; 7 – o preço da soja no mercado internacional, sendo que *“a fantástica imigração de brasileiros para o Paraguai era manipulada desde Chicago. Por quê? Cada vez que um bushel de soja aumentava um penny⁷ na Bolsa de Valores de Chicago, mais e mais brasileiros moviam-se para o Paraguai”* (MENEZES, 1987, p. 135-136). Nesse sentido, frisa-se que o fluxo de brasileiros que chega ao Paraguai é contemporâneo à saída de paraguaios para

outros países e está relacionado à dinâmica do capitalismo globalizado, em que a soja é uma *commodity* transacionada no mercado global.

A presença de colonos brasileiros, sobretudo do Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, impactou na distribuição das terras paraguaias, fortalecendo o êxodo rural. Antes de os paraguaios iniciarem suas empreitadas migratórias transnacionais, executaram internamente e em grande intensidade a mobilidade rural-rural, assim como a rural-urbana. Camponeses que almejavam seguir lavrando a terra buscavam novos territórios. Ao mesmo tempo, contingentes iam para as cidades, em especial a recém-inaugurada Ciudad del Este e Assunção, em busca de oportunidades. Para Palau (2011), o êxodo rural estava diretamente ligado à forma como se organizava a produção agrária e ao modo concentrador de distribuição de terras: neste sentido, o autor conclui que a produção de soja transgênica em grandes latifúndios teria relação direta com o aumento da migração rural-urbana. Foi na passagem da década de 1980 para 1990 que a população paraguaia passou a ser predominantemente urbana. Devido à saturação da absorção da força de trabalho que chegava às cidades, a migração transnacional se fortalece como alternativa. As melhores terras agricultáveis estariam sendo vendidas a baixo custo a migrantes brasileiros, que desde os anos 1960/1970 chegavam em massa no país e com dinheiro para comprá-las. Ou, então, as Companhias Colonizadoras vendiam as terras a prazo, permitindo que os brasileiros quitassem a dívida após tomar posse da propriedade, sendo que apenas a renda proveniente da extração da madeira dos lotes era suficiente para quitar o valor de todo terreno recém-comprado, além de causar desmatamento e problemas ambientais (PALAU, 2011; MENEZES, 1987).

Ao mesmo tempo, após o golpe, perseguidos políticos fugiam do Paraguai para não serem presos ou mortos pelo governo ditatorial. A maior parte afluíu para a Argentina e, nesse momento, as autoridades de imigração estimavam a entrada de ao redor de oito mil paraguaios ao ano no país⁸. Segundo Menezes (1987), estima-se que após a tomada do poder presidencial, em torno de um terço da população paraguaia, ou até 500 mil pessoas tenham se colocado em retirada do país⁹, sendo que a maior parte foi para Buenos Aires, onde se concentravam os opositores do regime de Stroessner. Aliás, para Menezes, essa foi uma das razões que favoreceu a aproximação política de Stroessner ao Brasil, avaliou-se que o governo argentino não tomava as devidas medidas contra os paraguaios que conspiravam em Buenos Aires contra o governo militar sediado em Assunção. Ainda hoje, a Argentina continua sendo para os paraguaios o destino prioritário: a facilidade com o idioma e de deslocamento, o acordo do Mercosul que facilitou o acesso à documentação, assim como as sólidas redes sociais e associativas de migrantes estabelecidas fazem com que os paraguaios sejam o principal grupo no país. Segundo o Censo argentino de 2010, 35% dos migrantes transnacionais que se encontravam na Argentina eram paraguaios (SCALABRINI INTERNATIONAL MIGRATION NETWORK, 2011, p. 8). Em

2000, para a OIM, por volta de 85% dos nascidos no Paraguai que residiam no exterior encontravam-se na Argentina (2011, p. 33).

Em relação aos que vieram para o Brasil, a partir dos anos 1950, a perseguição do governo militar, a aproximação do governo brasileiro e as trocas e intercâmbios de estudantes, assim como a reestruturação fundiária do país foram os fatores que marcaram dois momentos e perfis diferentes de migrantes que aportaram em São Paulo¹⁰. O migrante que chegou antes do final dos anos 1970, de modo geral, ou veio fugido da ditadura militar, ou se instalou na cidade por conta das políticas de aproximação entre os dois governos nacionais. Quando Stroessner tomou o poder, tratou-se de expulsar do país uma grande massa de pessoas. Não se realizava exatamente a perseguição pontual de lideranças e pessoas que se destacassem em sua atuação política oposta a Stroessner (mais ou menos o que ocorreu no Brasil), mas uma cassada ostensiva e massiva a todos que eram avaliados como alinhados à oposição, muitos dos quais estavam no mesmo partido de Stroessner, o Colorado, mas que eram avaliados como oposição. Essa caça geral fez com que São Paulo entrasse na rota de destino dos paraguaios, assim como Buenos Aires.

Ao mesmo tempo, com o estreitamento das relações entre os governos brasileiro e paraguaio, foi incentivada a vinda de estudantes universitários para a capital paulista. Paraguai e Brasil haviam firmado acordos de intercâmbios cultural e educacional, sendo que o próprio Stroessner havia estudado na Escola Militar do Rio de Janeiro (MORAES, 2000, p. 34). Além disso, o governo de Stroessner enviou à capital paulista pessoas de sua confiança para atuarem no estreitamento das relações de Brasil e Paraguai. Nesse primeiro momento, os migrantes paraguaios que fixaram residência em São Paulo têm um perfil relativamente escolarizado e qualificado. Em geral, eram pessoas que tinham trajetórias urbanas, a maioria de Assunção e seus arredores.

Citamos, como exemplo, a trajetória de sucesso de médico paraguaio Júlio César Mariño, que após concluir a educação básica no Paraguai, veio estudar medicina na USP em São Paulo em 1963, graças ao convênio educacional Brasil-Paraguai. Formou-se em 1968, nos anos subsequentes especializou-se em cirurgia vascular. Tornou-se um dos maiores e mais consagrados cirurgiões vasculares do país, atualmente atende no Hospital Sírio Libanês de São Paulo, é professor de medicina da mesma universidade em que se graduou, fez até mesmo parte da equipe médica que cuidou da presidenta Dilma Rousseff¹¹. O médico é um ícone entre os paraguaios que chegaram a São Paulo antes dos anos 1980.

A partir do final dos anos 1970, começam a aportar em São Paulo migrantes paraguaios com perfil diferente do anterior. Tratava-se de migrantes de baixa qualificação, que vieram em busca de oportunidades de trabalho, não vinham fugidos da perseguição política, nem tampouco tiveram incentivos do Brasil ou do Paraguai para fixarem residência na RMSP. Os primeiros relatos de paraguaios

que operaram máquinas de costura remontam justamente a esse período, ainda que não estivessem afluindo à cidade mobilizados exclusivamente por esse tipo de trabalho. De todo modo, neste momento, havia uma forte relação da inserção dos paraguaios em São Paulo com a presença de migrantes sul-coreanos, que trabalhavam na indústria de confecções.

Segundo Carolina Mera (2009, p. 12), boa parte dos coreanos que chegou à cidade a partir do final dos anos 1960 entrou no país via Paraguai e Bolívia, Estados que tinham firmado acordos com o governo sul-coreano para estimular a migração desses asiáticos. No entanto, tanto o Paraguai como a Bolívia eram destinos menos atrativos economicamente, sendo que muitos coreanos almejavam, na realidade, se instalar na Argentina e no Brasil. Avaliavam, desse modo, o uso dos acordos que incentivava a migração para esses países como estratégia de entrada na América Latina, para rumarem a países vizinhos. Ainda de acordo com a autora e notícias de jornal dos anos 1980, por volta da metade dos coreanos que chegavam ao Paraguai estabeleciam residência na Argentina ou no Brasil¹². Esta dispersão e inserção comum dos coreanos na América Latina, além de seu peso inicial para a inserção de paraguaios e bolivianos no setor das confecções, foram constitutivos para o que Patrícia Tavares de Freitas (2009) formulou como um *território circulatório* entre Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia em torno da costura.

Como abordamos em outro texto deste dossiê, os primeiros paraguaios que se inseriram nas oficinas de costura, de modo semelhante ao que ocorreu com bolivianos, foram mobilizados por coreanos que já se encontravam no setor. Os migrantes asiáticos espalhados entre Paraguai e Bolívia foram importantes para que a indústria de confecções se concretizasse como nicho de mercado de paraguaios e bolivianos, que começaram a fluir à cidade no começo dos anos 1980. Segundo foi relatado, alguns coreanos agenciavam suas redes transnacionais a fim de trazerem trabalhadores que iriam operar as máquinas de costura de suas oficinas, sobretudo nos bairros do Bom Retiro e da Liberdade, mas também na zona norte, como Casa Verde, e outros lugares da zona leste da cidade. Segundo relatos e notícias de jornal¹³, devido o custeio das passagens, esses trabalhadores ficavam confinados nas oficinas de coreanos até pagarem as dívidas que haviam contraído.

Essas são características do fluxo mais atual de migrantes paraguaios, que é posterior ao fim da ditadura militar e à queda de Stroessner em 1989. De todo modo, os fatores fundamentais que estruturaram a precária situação que levou a migração transnacional de pessoas pobres do país se desenvolveram na era Stroessner. Isto é, a aproximação com produtores agrícolas brasileiros que cultivavam a monocultura de soja (atualmente transgênica) forçou o êxodo rural. Na medida em que as cidades paraguaias já não davam conta de absorver essa força de trabalho, a migração transnacional se intensificou. Nesse momento, a origem desses migrantes paraguaios não é mais prioritariamente a de pessoas

de Assunção e região, mas de municípios com preponderância de atividades agrícolas e extrativistas, como do departamento de Caaguazú.

Nos anos 1980 e 1990, dos paraguaios que se dedicavam ao trabalho nas oficinas de costura, mobilizados por coreanos, alguns conseguiram criar seus próprios empreendimentos nos anos 1990 e 2000. Outros se dedicaram às atividades de comércio, sendo o comércio ambulante, sobretudo de vestimentas confeccionadas na cidade, um dos eixos de atuação. Há, ainda, os circuitos de comerciantes que serão abordados em profundidade em outro artigo deste dossiê, mas que se refere exatamente aos paraguaios que vêm a São Paulo fazer compras para abastecer comerciantes do seu país. Atualmente, as mercadorias mais levadas de São Paulo ao Paraguai são artigos de vestuário. Outro nicho importante de mercado para as mulheres paraguaias que vieram nesse período é o trabalho como babá ou empregada doméstica.

O final dos anos 1980 e começo dos 1990 foi marcado por processos de redemocratização que ocorreram em toda a América Latina. Este foi o contexto da consolidação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), de aproximação dos países do Cone Sul do continente americano. Ao longo da década de 1990, os paraguaios que se puseram em marcha do país não rumaram em grande quantidade para São Paulo. A Espanha e a Argentina eram os destinos prioritários. Neste caso, se tratava de migrantes que buscavam melhores opções de trabalho e renda. Na Argentina, os homens se dedicam primordialmente à construção civil e as mulheres se ocupam como domésticas e babás. Na Espanha, esses trabalhadores se inseriram em atividades de menor prestígio e baixa remuneração. O Brasil, em especial São Paulo, neste momento, não era destino prioritário. Como vimos nos microdados do Censo apresentados na Tabela 1, apenas 15,1% da população paraguaia que reside atualmente na RMSP ingressou no país entre 1981 e 2000.

Foi, sobretudo, a partir da crise econômica argentina deflagrada no final dos anos 1990 e agudizada nos anos 2001 e 2002, que paraguaios começam a rumar a São Paulo e à Espanha em maior medida. A trajetória de Luís Fernando¹⁴ expressa os sentidos dos movimentos migratórios mais recentes. Ele nasceu em 1979 em Capiatá, no departamento Central, próximo à Assunção. Migrou pela primeira vez aos 17 anos com sua mãe para o município de Caaguazú, onde já moravam seus tios e avós. Aos 22 anos, em 2001, devido às penosas condições do mercado de trabalho no município, às dificuldades encontradas para os estudos, Luís Fernando decidiu, em conjunto com parentes, que iria a Buenos Aires, onde vivia seu tio González. O parente lhe informou que o trabalho seria árduo, jornadas superiores a doze horas diárias, muitas vezes inclusive aos finais de semana. Naquele momento, a Argentina passava por aguda crise econômica, ainda assim era a empreitada migratória mais fácil de ser realizada, tendo em vista os contatos estabelecidos, a garantia de emprego e casa com familiar.

No dia posterior à chegada em Buenos Aires, ao bairro Villa del Parque, acordou cedo para ajudar nos retoques finais da construção da casa que logo

seria o espaço em que moraria e trabalharia, a oficina de costura de seu tio. O parente conhecia com destreza os mecanismos da produção subcontratada das oficinas de costura, apesar de ser de origem rural, já havia vivido anteriormente em São Paulo, realizando o mesmo tipo de atividade. Depois de laborar sete meses na oficina de costura do tio, com jornadas superiores a 12 horas diárias, devido a alguns pequenos desentendimentos, o jovem decidiu buscar outro trabalho. Prontamente, devido aos contatos estabelecidos no bairro, começou a trabalhar em outra oficina, onde pagavam melhor e a jornada era inferior. Em 2003, a Argentina anistiou os migrantes irregulares, algum tempo depois Luís Fernando regularizou sua situação migratória e seguiu trabalhando no país até o começo de 2007. No período, a Argentina melhorou sua situação econômica, do mesmo modo que Luís Fernando auferiu ganhos que permitiram iniciar uma pequena reforma na casa de sua mãe que ficara em Caaguazú. Entre idas e vindas da Argentina ao Paraguai, Luís Fernando nota que os conterrâneos que foram à Espanha tinham conseguido juntar mais dinheiro do que aqueles que rumaram à Argentina. Naquele momento, o câmbio pesava na decisão (o euro valia por volta de 7500 guaranis, conversão superior à do peso argentino).

Com a avaliação de que em quatro anos em Buenos Aires não tinha conseguido terminar a reforma da casa da mãe, Luís Fernando decide – a despeito do momento de crise, do recrudescimento do controle das fronteiras e do retorno dos conterrâneos da Europa – partir para a Espanha. Para tanto, buscou uma agência de viagens que lhe emprestaria dinheiro para entrar no país como viajante, além de reservas de hotel e de uma quantia em mãos para provar que poderia se manter no país. Para tanto, hipotecou a casa em que vivia com a mãe. A agência o orientou passo a passo como deveria agir para passar pela imigração, realizada na Itália, pois se avaliava ser mais fácil cruzar o espaço Schengen¹⁵ nesse país. Do total de oito paraguaios que embarcaram com Luís Fernando rumo à Espanha, apenas quatro conseguiram passar pela imigração sem problemas. Assim que chegou à capital espanhola, Luís Fernando devolveu o dinheiro que havia sido emprestado para auxiliá-lo na passagem pela imigração e a sua mãe pôde desipotecar a casa. O migrante recém-instalado buscou toda sorte de empregos, de entregador de pizzas a servente de construção, passando por cuidador de cavalos. Empregou-se como limpador de edifícios e porteiro. Ao final de 2008, Luís Fernando foi acometido por grave infecção na perna esquerda, ficou diversos dias internado no hospital e impedido de trabalhar, gastando suas economias no período. A crise na Espanha se agudizava ao mesmo passo que a situação de saúde e de emprego. Portanto, resolveu regressar ao Paraguai no começo de 2009.

O dinheiro que levou a Caaguazú bastava apenas para três meses. De volta ao país natal, Luís Fernando estabelece contato com amigos que viviam em São Paulo. Neste momento, novo horizonte migratório se consolida ao rapaz que vinha realizando empreitadas migratórias nos últimos sete anos, desde que

completara 22 anos de idade. Pouco tempo depois de ter retornado ao Paraguai, decide buscar nova oportunidade em São Paulo. Uma conhecida o havia indicado como ajudante em uma confecção na Rua José Paulino, no Bom Retiro. Luís Fernando passa com facilidade pela fronteira, com visto de 90 dias como turista. Em São Paulo, trabalha como costureiro em uma oficina subcontratada, depois como ajudante em uma confecção, em seguida, com carteira assinada, como atendente em uma ótica também no bairro do Bom Retiro, dentre outros empregos. No começo de 2014, tendo acumulado algum dinheiro, decide regressar ao Paraguai. Atualmente, vive com sua mãe em Caaguazú.

Esta trajetória evidencia os percursos, expectativas, ambições e ações realizadas por um migrante paraguaio recente, que chegou a São Paulo após os anos 2000. Nota-se a forte disposição em circular e experimentar a situação migratória em contextos não necessariamente favoráveis, tendo em vista o acúmulo de valores para investir na sociedade de origem. A mobilização por variados destinos tem forte relação com as crises econômicas enfrentadas nos países prioritários de instalação, ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho paulistano apresenta condições favoráveis, ainda que primordialmente na informalidade, para a absorção desse fluxo de trabalhadores. Rumar ao Brasil, em especial a São Paulo, não tem custos migratórios tão elevados, os riscos são menores do que viajar à Europa. São Paulo está a apenas uma madrugada de ônibus da fronteira com o Paraguai. Dependendo da época do ano, a passagem para Assunção é inferior a 200 reais. Desse modo, o custo de deslocamento, a distância, o não recrudescimento das políticas migratórias, a situação econômica ascendente do país na primeira década dos anos 2000 são fatores a serem considerados para explicar o incremento recente dos paraguaios em São Paulo.

Um retrato: o perfil dos migrantes paraguaios a partir dos microdados do Censo de 2010

Segundo os dados do Censo de 2010, o estado de São Paulo teria 41.262.199 habitantes, dos quais 19.683.975 se encontravam na RMSP. Nessa região, o Censo identificou que 192.422 pessoas nasceram em outro país que não o Brasil. Os paraguaios seriam a 11ª população estrangeira de maior presença, totalizando 4.146 pessoas (Tabela 2); no estado de São Paulo seriam 6.038 paraguaios. São Paulo e Guarulhos são os dois municípios que concentram o maior número de paraguaios no país. Ainda que os dados indiquem apenas 2,2% dos nascidos em outro país residentes na RMSP como do Paraguai, é provável que essa participação relativa no total de migrantes seja subestimada.

Tabela 2 – País estrangeiro de nascimento, total e respectiva distribuição percentual, para residentes RMSP, resultados gerais para a amostra do Censo Demográfico 2010.

Ranking da RMSP	País	RMSP		UF - São Paulo	
		Total	%	Total	%
1º	Portugal	46.516	24,2	64.241	24,1
2º	Bolívia	25.859	13,4	27.734	10,4
3º	Japão	20.264	10,5	33.463	12,6
4º	Itália	13.089	6,8	19.183	7,2
5º	Espanha	11.214	5,8	16.754	6,3
6º	China	10.285	5,3	12.554	4,7
7º	República da Coreia	7.306	3,8	7.532	2,8
8º	Argentina	5.943	3,1	8.565	3,2
9º	Chile	5.899	3,1	8.879	3,3
10º	Líbano	5.041	2,6	6.498	2,4
11º	Paraguai	4.146	2,2	6.038	2,3
12º	Alemanha	3.940	2,0	5.996	2,3
13º	Estados Unidos	3.634	1,9	6.000	2,3
14º	Peru	3.247	1,7	4.868	1,8
15º	França	2.408	1,3	3.029	1,1
	Outros	23.631	12,3	35.038	13,2
	Total (*)	192.422	100,0	266.372	100,0

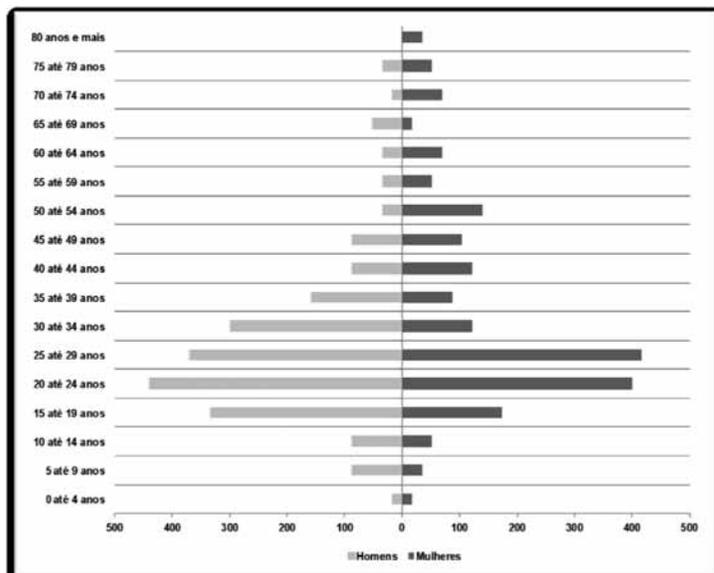
Elaboração: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Observação (*): compreende somente casos válidos, portanto, excetuando informação inexistente ("Ignorado" e/ou "Não sabia país estrangeiro") para 188 (cento e oitenta e oito) casos.

Segundo o Censo de 2010, a população nascida no Paraguai que vive na RMSP é predominantemente jovem: por volta de 60% tem idade igual ou inferior a 29 anos. Três em cada quatro paraguaios residentes em São Paulo têm idade inferior a 39 anos. A faixa etária mais representada se situa entre 19 e 29 anos. Ainda que haja predomínio de homens, nota-se que não há grande disparidade entre os sexos, 52,6% de homens contra 47,4% de mulheres. No entanto, ao se analisar o sexo dos migrantes pela faixa etária, registra-se uma maior variação: há predomínio de homens nas faixas etárias mais jovens, do total com idade até 39 anos, 58,7% são homens, sendo que até 18 anos e entre 30 e 39 anos a preponderância de homens chega a quase 70%. Ao se visitar as oficinas de costura de paraguaios, nota-se nesses espaços o predomínio masculino. Conforme relatado, é mais frequente a saída dos jovens do sexo masculino para buscarem alternativas de sustento, enviar remessas para a família, enquanto as jovens mulheres (que também vêm, mas em menor intensidade) frequentemente ficam com os pais para ajudar no cuidado doméstico, ou migram apenas após terem contato com pessoa de confiança estabelecida, em geral um homem.

O gráfico da pirâmide etária dos paraguaios residentes na RMSP evidencia a preponderância de jovens, com idade entre 15 e 35 anos, a baixa quantidade de crianças e idosos. O reduzido número de crianças se deve ao fato de que os migrantes que vêm a São Paulo, em sua maioria, não trazem os filhos do país; o perfil é composto por jovens sem filhos que migram para o Brasil. No entanto, deve-se ressaltar, pela observação de campo, que é muito comum a paternidade e maternidade desses migrantes em idade bastante jovem. Nas visitas a campo, notou-se a constituição de famílias de paraguaios com idade inferior a 22 anos, que tinham entre um e dois filhos. Em alguns casos, os migrantes que constituíam família com filhos tinham se conhecido em São Paulo, outras vezes eles tinham migrado juntos do Paraguai. Ao se visitar o Parque da Luz, ou a Praça dos Paraguaiois (Praça Nicolau de Moraes Barros) num final de semana, seguramente se poderá encontrar essas jovens famílias com suas crianças. Muitas vezes, essas crianças, filhas de migrantes, nascem no Brasil, portanto, são brasileiras e não entram na pirâmide etária. A maior parte das crianças com que pudemos interagir em São Paulo frequentava a escola brasileira, não tinha grandes dificuldades para conseguir matrícula, sendo que os pais falavam o guarani e/ou o castelhano com os filhos. Muitas vezes, eles respondiam em língua portuguesa, justamente devido à experiência escolar.

Gráfico 2 – Pirâmide etária das pessoas nascidas no Paraguai, residentes na RMSP, Censo Demográfico de 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Elaboração: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Ao contrário do senso comum brasileiro, que pensa que os paraguaios, em sua maioria, são indígenas, estereótipo reforçado pelo fato de falarem o guarani¹⁶, as pessoas dessa nacionalidade recenseadas em 2010 não se declaram como indígenas; na RMSP sequer houve um registro. Mais da metade se considera de cor ou raça branca (70,6%) e ao redor de um quarto se denomina pardo (27,1%). Em relação à religiosidade, o Censo de 2010 confirmou a expectativa de predomínio de católicos (76,4%). A coletividade paraguaia que vive na RMSP é devota da *Virgencita de Caacupé*; o artigo de Porfirio Leonor Ramírez neste dossiê aborda a questão em profundidade. Em todos os anos, na cidade de São Paulo, mais de dois mil migrantes se reúnem na Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, para fazerem suas orações à Santa. Em segundo lugar, com o registro de 8,5% do total, aparecem os sem religião, seguidos pelos ateus (2,5%). O restante dos paraguaios está distribuído entre diferentes igrejas, sobretudo (neo)pentecostais.

Tabela 4 – Distribuição percentual das pessoas nascidas no Paraguai, residentes na RMSP, conforme cor e/ou raça e religião e/ou culto.

Cor e/ou raça		
	Absoluto	Relativo (%)
Branca	2.926	70,6
Preta	11	0,3
Amarela	86	2,0
Parda	1.123	27,1
Índigena	-	-
Total	4.146	100,0
Religião e/ou Culto		
Católica Apostólica Romana	3.166	76,4
Sem religião	351	8,5
Ateu	105	2,5
Igreja Evangélica Assembleia de Deus	70	1,7
Igreja Congregação Cristã do Brasil	70	1,7
Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais	70	1,7
Igreja Evangélica Batista	53	1,3
Evangélica não determinada	52	1,3
Outras	209	5,1
Total	4.146	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Elaboração própria

A tabela abaixo evidencia a distribuição percentual dos paraguaios residentes na RMSP por nível de instrução conforme período em que fixaram residência no país. De modo geral, os recenseados não têm alta escolarização, apenas 8,0% do total declarou ter cursado o ensino Superior Completo. Mais de um terço (35,4%)

sequer tem o Ensino Fundamental completo. Um pouco mais da metade relatou ter entre o Fundamental Completo e o Superior Incompleto. Ao se comparar o percentual dos com Ensino Superior, salta à vista o valor alcançado por aqueles que fixaram residência na RMSP até 1980: quase um quinto (19,7%), enquanto os grupos que chegaram posteriormente apresentam uma participação muito mais baixa de pessoas com maior escolarização. Em 2010, 42,8% dos paraguaios que residiam na RMSP e que tinham ensino superior completo estabeleceram residência antes dos anos 1980. Esses dados reforçam a hipótese desenvolvida na primeira parte deste texto, de que houve uma primeira leva de migrantes paraguaios composta por profissionais liberais, com maior qualificação, dentre os quais pode-se enumerar médicos, pessoas com trajetórias urbanas e que vieram ou com apoio do governo de Stroessner, devido à aproximação com o Brasil, ou fugidos da ditadura. No entanto, deve-se ressaltar, isso não quer dizer que a maior parte dos migrantes que chegaram antes dos anos 1980 pertencesse a esse grupo. O Censo mostra que 29,1% dos migrantes que chegaram até 1980 eram sem instrução e/ou com fundamental incompleto; quase 60% apresentavam, no máximo, o médio incompleto. A tabela evidencia uma mudança do perfil de escolarização dos paraguaios que rumaram a São Paulo. Nos grupos mais novos, que fixaram residência na RMSP no século XXI (o que representa 67,0% dos paraguaios na RMSP em 2010), o percentual dos menos escolarizados é mais elevado. Mais da metade (57,6%) dos que chegaram a São Paulo entre 2001 e 2005 não apresentavam sequer o fundamental completo, enquanto entre os vindos de 2006 a 2010, 70,5% tinham escolarização inferior ao ensino médio incompleto.

Tabela 5 - Distribuição percentual do nível de instrução conforme período em que fixou residência no Brasil das pessoas nascidas no Paraguai, residentes na RMSP, mediante os resultados gerais para a amostra do Censo Demográfico 2010.

Nível de Instrução	Período					Total (%)
	Até 1980	De 1981 a 1990	De 1991 a 2000	De 2001 a 2005	De 2006 a 2010	
Sem instrução e fundamental incompleto	29,1	39,4	26,0	57,6	31,9	35,4
Fundamental completo e médio incompleto	29,2	19,2	30,8	9,0	38,6	29,1
Médio completo e superior incompleto	22,1	36,3	34,6	29,5	23,7	27,4
Superior completo	19,7	5,2	8,6	4,0	5,8	8,0
Total relativo (Período)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Total absoluto (Período)	742	232	394	692	2.086	4.146

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Elaboração própria

Analisando-se a distribuição dos paraguaios exclusivamente no município de São Paulo, nota-se a concentração em distritos que têm relação com a indústria de confecções. Pari, Bom Retiro, Vila Medeiros, Brás e Vila Maria concentram

quase a metade (44,4%) dos paraguaios em São Paulo. Os distritos do Bom Retiro e do Brás têm uma relação histórica e antiga com a indústria de confecções, sendo que essas regiões são conhecidas como postos de comercialização de vestimentas. Pari, Vila Medeiros e Vila Maria, como é sabido pelos estudos realizados com migrantes bolivianos, são regiões que concentram alto número de oficinas de costura, que se multiplicaram e espalharam pela cidade após os processos de reestruturação produtiva (este tema foi aprofundado em outro texto que acompanha este dossiê).

Em geral, a espacialização dessas oficinas tem relação direta com o circuito das encomendas e das confecções. Os imóveis, que concentram em um mesmo espaço moradia e trabalho, localizam-se de forma estratégica, balanceando os custos de mobilidade na cidade com os custos de aluguéis. Aqueles que ficam na região central (Brás, Bom Retiro e Pari, por exemplo) têm custos mais elevados de aluguel e custos mais reduzidos em termos de circulação pelos locais de referência para a execução da atividade produtiva, como buscar as encomendas de tecidos cortados, entregar as vestimentas prontas ou acessar as lojas e representantes de materiais de insumo para a costura (como aviamentos a máquinas). Já os imóveis que se espalharam para as regiões mais periféricas, de modo geral, seguiram uma tendência de se localizar em pontos estratégicos que unem vias de acesso (inclusive metrô e trem) aos mesmos locais de referência na região central, mas com custos menores de aluguel. É, portanto, devido a essa infraestrutura urbana que a maior parte das oficinas de costura que se espalharam para as regiões periféricas da cidade se concentraram nas zonas norte e leste. Com exceção do Grajaú, os distritos das regiões sul e oeste de São Paulo, por exemplo, não aparecem tendo peso entre os principais destinos desses migrantes na cidade. A própria concentração de paraguaios em Guarulhos tem a ver com a facilidade de acesso ao centro de São Paulo, imbricada no circuito das encomendas.

Tabela 6 – Distribuição percentual das pessoas nascidas no Paraguai residentes no município de São Paulo conforme os distritos de São Paulo, mediante os resultados gerais para a amostra do Censo Demográfico 2010.

Distrito	(%)
Pari	18,1
Bom Retiro	9,9
Vila Medeiros	8,2
Brás	4,7
Vila Maria	3,5
Bela Vista	3,5
Tucuruvi	2,9
Grajaú	2,3
Outros	46,8
Total	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda. Elaboração própria

Os dados do Censo sobre as ocupações dos paraguaios residentes na RMSP evidenciam a importância da indústria de confecções para esse grupo de migrantes. Quase a metade (47,1%) dos recenseados afirmaram ter ocupação relacionada à indústria de confecções, sendo que 41,7% informaram ser operadores de máquina de costura. As atividades relacionadas ao comércio também têm grande importância entre os paraguaios residentes na RMSP. Como se pode verificar pela observação de campo em mercados populares, como a Feira da Madrugada no Brás, há um número alto de comerciantes paraguaios. Em muitos casos, comercializam vestimentas, que podem ter sido fabricadas por eles mesmos. Outra ocupação que aparece na lista com as principais ocupações dos paraguaios é a de trabalho doméstico. Foram entrevistadas algumas mulheres que, tendo migrado nos anos 1990, trabalham em casas de família.

Tabela 7 – Ocupação exercida no trabalho das pessoas nascidas no Paraguai¹, residentes na RMSP, mediante os resultados gerais para a amostra do Censo Demográfico 2010.

Ocupação	(%)
Operador de Máquina de Costura	41,7
Ocupações Maldefinidas ²	14,7
Balconistas e vendedor de Lojas	5,3
Trabalhador qualificado da preparação e confecção de roupas	3,5
Comerciantes de lojas	2,9
Trabalhador dos serviços domésticos em geral	2,9
Costureiros, Bordadeiros e Afins	1,8
Outras ocupações	27,0
Total	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Elaboração própria

O número de 2.974 migrantes nesta tabela difere do valor apresentado anteriormente (4.146) pois houve uma massa de pessoas que não respondeu à pergunta.

Trata-se de erro devido à desagregação detalhada dos microdados do Censo.

A heterogeneidade da comunidade paraguaia em São Paulo se relaciona fortemente com a história da sua migração para a cidade, os diferentes momentos e fatores que atuaram na conformação desse fluxo. Variados vínculos e formas de inserção na dinâmica da cidade foram construídos ao longo desses anos. De todo modo, como pudemos ver, a dinâmica mais recente se relaciona fortemente com o desenvolvimento da indústria de confecções, acompanhando os processos migratórios que envolvem bolivianos.

Considerações finais

Apesar de pouco percebida e debatida, a migração paraguaia para São Paulo já tem mais de 50 anos, trata-se de uma das principais populações que chegaram à cidade nos últimos anos. Ao longo deste texto, buscamos evidenciar os principais aspectos históricos que conformaram esse fluxo em São Paulo. As raízes dessa migração foram estabelecidas na ditadura de Stroessner: a perseguição massiva da oposição e a aproximação com o governo brasileiro foram aspectos que engendraram um primeiro tipo de migrante paraguaio que chegou a São Paulo. Em geral, pessoas com trajetórias urbanas, muitas das quais com qualificação elevada. O intercâmbio e incentivo à vinda de estudantes, a construção da Ponte da Amizade e da rodovia que corta o país ao meio, ligando Foz do Iguaçu à capital paraguaia foram outros aspectos que permitiram essa mobilidade.

Ao mesmo tempo, Stroessner empreendeu uma série de medidas que reestruturaram a organização fundiária do país. Brasileiros, a maior parte da região sul e do Mato Grosso do Sul rumaram ao Paraguai onde tiveram a oportunidade de se estabelecer. Os baixos custos das terras, que poderiam ser quitadas com a simples exploração da madeira que havia sobre elas e o elevado custo da soja no mercado internacional foram fatores que impactaram diretamente na dinâmica do êxodo rural paraguaio. Uma massa de trabalhadores saiu do campo rumo às cidades. Com o esgotamento da absorção dessa força de trabalho, a perspectiva da migração transnacional se fortalece.

Na primeira década dos anos 2000, as crises na Argentina e na Espanha foram fatores importantes para reestruturar os sentidos dos destinos migratórios dos paraguaios. Nesse momento, São Paulo passa a ganhar importância: a facilidade de acesso, os baixos custos para cruzar a fronteira e instalação no município, a possibilidade de trabalho em oficinas de costura que fornecem moradia e emprego, o aquecimento da economia brasileira no contexto de recessão global são alguns dos aspectos que engendraram o aumento da migração recente. De modo geral, trata-se de um perfil específico de migrantes: jovens, com menos de 39 anos de idade, em sua maioria homens, com baixa escolaridade, pessoas que vieram de regiões rurais do Paraguai, sendo o departamento de Caaguazú, ou mais especificamente o município de Repatriación uma das principais origens desses migrantes.

Ao longo do texto, buscou-se evidenciar aspectos gerais da história paraguaia que conformou as raízes para a consolidação de perfis de migrantes distintos que se instalaram em São Paulo. O objetivo não foi esmiuçar ou detalhar esse fluxo migratório, mas sim traçar um panorama para podermos aprofundar a discussão sobre o tema.

Notas

1 - Guampa é o recipiente, de couro ou madeira, que se utiliza para tomar o tererê. *Yopará* é uma língua resultante da fusão morfosintática, gramatical e semântica dos idiomas guarani e espanhol.

2 - Disponível em: <[http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJA5F550A5ITEMIDF7B2EE1D60D4405F80C9C91D4EA12FC3PTBRNN.htm](http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={A5F550A5-5425-49CE-8E88-E104614AB866}&Team=¶ms=itemID={3B4D0158-E581-4344-9BD3-0E725970912F}&UIPartUID={2218FAF9-5230-431C-A9E3-E780D3E67DFE}> e <. Acesso em: 15 jun. 2014.

3 - As informações dos microdados do Censo de 2010 apresentadas foram processadas por Daniel Ribeiro e Maria Mercedes, da Expertise Social Ltda.-ME - Desenvolvimento Institucional e Estudos Sociais Aplicados.

4 - Há uma profunda e relevante discussão que não poderemos retomar neste momento que se refere ao lugar do Estado-nação como constituinte da identidade nacional, de vínculos de solidariedade social e de cidadania. Isto é, trata-se de questionamentos das noções de nação, sociedade, país e povo. Inclusive, há uma reflexão profunda de cunho epistemológico que questiona o lugar das ciências sociais na construção prática e política dessas noções. Ver Benedict Anderson (2008), Arjun Appadurai (1997), Andreas Wimmer e Nina Glick-Schiller (2003), dentre outros.

5 - Os dados do Censo de 2012 do Paraguai ainda não foram divulgados. No entanto, uma pesquisa quantitativa indica que os brasileiros continuam sendo o principal contingente populacional de estrangeiros no país, ver: Anuário Paraguayo – DGEEC, 2012, p. 58. Disponível em:<<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/anuario2012/anuario%202012.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

6 - Companhias colonizadoras brasileiras que tinham como negócio vender terras em território paraguaio.

7 - O *bushel* de soja é a unidade de medida utilizada para as transações nas bolsas de valores da *commodity* soja, equivale a 60 libras ou 27,2155 kilos. Um *penny* equivale a um centavo de dólar estadunidense.

8 - O Estado de São Paulo, 7 de março de 1959, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19590307-25720-nac-0002-999-2-not/busca/paraguaios>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

9 - Segundo informações oficiais, a população total do Paraguai era de 1.328.452 pessoas em 1950; 1.819.103 em 1962; 2.357.955 em 1972; 3.029.830 em 1982; 4.154.588 em 1992; 5.163.198 em 2002 e, para 2012, projetava-se a população de 6.672.631. Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/sub_index/Pobreza/Paraguay%20Evolucion%20de%20la%20Poblacion%20Total%20Periodo%201950-2002%20Proyeccion%202012.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2014.

10 - O início da história de migração de paraguaios para o Brasil remonta ao período diretamente posterior à Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Migravam para as zonas rurais em regiões fronteiriças. O Mato Grosso do Sul foi o estado que recebeu o maior número de migrantes neste momento (PALAU, 2011). Parte da cultura e identidade sul-mato-grossense se deve justamente a esses fluxos migratórios, que impactaram diretamente na cultura, na culinária (chipa, sopa), na música (a harpa), na língua. O Mato Grosso do Sul foi o principal destino de fluxos migratórios paraguaios transnacionais após a Guerra da Tríplice Aliança, os paraguaios trabalhavam para a Companhia Mate Laranjeira; o segundo momento de intensificação da migração paraguaia para o estado foi com a ditadura de Alfredo Stroessner. Para mais informações, ver Marcos Leandro Mondardo (2013).

11 - A história deste médico foi relatada por um de nossos entrevistados. A câmara de vereadores de São Paulo lhe rendeu homenagens em 2007. Para maiores informações acesse: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/os-melhores-especialistas>>; <<http://camaramunicipal.sp.qplaweb.com.br/iah/fulltext/justificativa/JPDL0106-2007.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

12 - Ver notícia do Estado de São Paulo, 19 de setembro de 1982, pag. 36. Evidencia a chegada de coreanos irregulares a São Paulo que substituíram judeus nos negócios das confecções no Bom Retiro e Brás. Naquele período, os coreanos entravam no Brasil ou por Foz do Iguaçu ou por Ponta Porã, ambos municípios que fazem fronteira com o Paraguai. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19820206-32794-nac-0038-999-38-not/busca/vale+tudo+imigra%C3%A7%C3%A3o+clandestina>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

13 - “Mercosul não muda vida de imigrantes sul-americanos”. Estado de São Paulo, domingo, 30 de julho de 1995, página A26. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19950730-37174-nac-0027-ger-a26-not/busca/Mercosul+n%C3%A3o+muda+vida>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

14 - O nome é fictício, a trajetória é real. Foi realizada por nós uma entrevista com o migrante em 2013. Porfirio Leonor Ramírez, pesquisador paraguaio, em outra ocasião, também o entrevistou. Com autorização do entrevistado e do entrevistador, tivemos acesso à transcrição do material coletado por Ramírez, que tinha informações mais detalhadas do que as que obtivemos.

15 - O Acordo de Schengen é uma convenção entre países europeus sobre uma política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países signatários. Um total de 30 países, incluindo todos os integrantes da União Europeia (exceto Irlanda e Reino Unido) e três países que não são membros da UE (Islândia, Noruega e Suíça), assinaram o acordo.

16 - A canção Índia, escrita pelo paraguaio José Asunción Flores, gravada no Brasil nas vozes de Cascatinha e Inhana e, posteriormente, Gal Costa, é uma guarânia, estilo musical tradicional do país.

Referências

- APPADURAI, Arjun. Soberania sem território: notas para uma geografia pós-nacional. São Paulo: In: *Novos Estudos Cebrap*, n. 49, p. 33-46, 1997.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FREITAS, Patrícia Tavares de. *Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força de trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo*. Campinas: Dissertação de mestrado, UNICAMP, 2009.
- MENEZES, Alfredo Mota. *A herança de Stroessner: Brasil e Paraguai 1955-1980*. Campinas: Papirus, 1987.
- MERA, Carolina. Diáspora coreana em América Latina. In: RAMÍREZ, Bonilla (Ed.). *Transiciones Coreanas*. Permanencia y cambio en Corea del Sur en el inicio del siglo XXI. México: El Colegio de México, 2009. Disponível em: <<http://ceaa.colmex.mx/estudioscoreanos/imagenes/mera.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- MONDARDO, Marcos Leandro. Ser paraguaio no Mato Grosso do Sul: da migração à construção de uma identidade transfronteiriça. In: *Revista Faz Ciência – UniOeste*. Volume 15, N. 21, Jan/Jun 2013, p. 69-91. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/download/8729/6732>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

- MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner- 1954-63*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- OIM. *Perfil Migratório do Paraguay*, 2011.
- PALAU, Tomás. El marco expulsivo de la migración paraguaya. Migración interna y migración externa. In: HALPERN, Gerardo (org.). *Migrantes: perspectivas (críticas) en torno a los procesos migratorios del Paraguay*. Assunção: Ápe Paraguay, 2011.
- SCALABRINI INTERNATIONAL MIGRATION NETWORK. *Las políticas públicas sobre Migraciones y la sociedad civil en América Latina*. 2011.
- WIMMER, Andreas; SCHILLER, Nina G. Methodological Nationalism and Beyond. Nation-State Building, Migration and the Social Sciences. In: *Global Networks*, 2-4, p. 301-334, 2003.

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar, de forma introdutória, a história da migração paraguaia para a Região Metropolitana de São Paulo e, em seguida, o perfil, segundo o Censo de 2010, das pessoas nascidas no Paraguai residentes na RMSP, de modo a realizar uma análise da heterogeneidade dessa população. Sugere-se que os aspectos que consolidaram essa migração para São Paulo foram engendrados na ditadura de Alfredo Stroessner, com a perseguição massiva dos opositores ao governo, com a aproximação e intercâmbio entre o governo brasileiro e o paraguaio e, por fim, com a reestruturação fundiária do Paraguai e o conseqüente êxodo rural. Segundo os dados estatísticos apresentados, a migração paraguaia cresceu exponencialmente a partir da segunda metade dos anos 2000, concomitante às crises em outros países de destino dos paraguaios. O perfil dos migrantes recentes é de jovens, majoritariamente homens, com baixa escolaridade, que trabalham com costura, vivem na Vila Medeiros, Bom Retiro e arredores e Vila Any, em Guarulhos.

Palavras-chave: migração paraguaia; perfil migratório; história migratória.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present, in an introductory way, the history of Paraguayan migration to the Metropolitan Region of São Paulo (MRSP) and the profile, according to the IBGE-Census 2010, of people born in Paraguay and residents in the MRSP, as well as to perform an analysis of the heterogeneity of this population. It is suggested that the aspects that consolidated this migration to São Paulo were engendered in the dictatorship of Alfredo Stroessner, with the massive persecution of opponents of the government, the approach and exchange politics between Brazilian and Paraguayan governments, and finally, the land restructuring in Paraguay and the consequent rural exodus. According to the statistical data presented, Paraguayan migration has grown exponentially since the second half of the 2000s, concurrent to the crises in other countries of destination for Paraguayans. The recent migrant profile is young, male, with low education, working with sewing, living in Vila Medeiros, Bom Retiro and surroundings and Vila Any, Guarulhos.

Keywords: paraguayan migration; profile; history.

